ENFRENTAMENTOS E LUTAS PELA VIDA: PORTUGUESES EM SANTOS NO FINAL DO SÉCULO XIX (1880-1900)

Maria Apparecida Franco Pereira

Introdução

Cidade *maledeta*, assim era conhecida Santos na época das epidemias no final do século XIX. Outras cidades sofreram o mesmo flagelo, mas Rio de Janeiro e Santos, devido ao intenso trânsito dos navios vindos da Europa e às condições de insalubridade, clima tropical favorável à proliferação da febre amarela (e outras doenças como varíola, tifo, impaludismo e tuberculose) chamavam mais a atenção. As condições higiênicas eram péssimas, ocasionadas por falta de água, de sistemas de esgoto e agravada por hábitos de desasseio de seus habitantes e pelo aumento populacional advindo da circulação de nacionais e de imigração estrangeira.

Localizada numa ilha colonizada no início do século XVI, seu grande desenvolvimento econômico vai se realizar a partir da primeira metade do século XIX, no ciclo paulista da cana de açúcar, e tomar impulso quando a exportação do café supera a do açúcar (1850). A marcha do café desenvolveu-se no interior paulista, trazendo um período áureo de riqueza para São Paulo e para o Brasil.

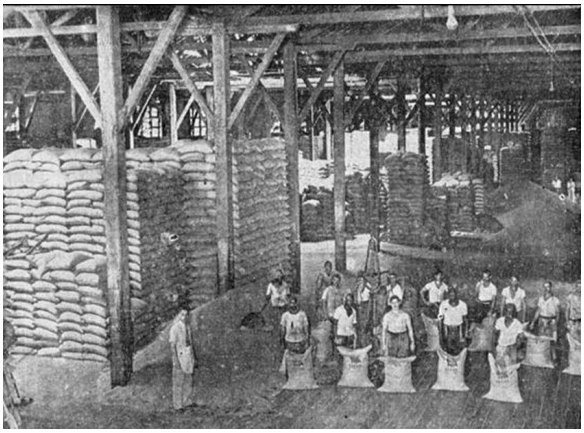
Santos, o porto escoador do café paulista, desenvolveu-se rapidamente, a partir, sobretudo, da inauguração da ferrovia inglesa São Paulo Railway, ligando o porto a Jundiaí, em 1867. Em 1870, funda-se a Associação Comercial de Santos, que vai reunir o alto comércio exportador (comissários de café, na sua maioria comerciantes nacionais; exportadores e as instituições de apoio, como os bancos, estrangeiros de varias nacionalidades) e comércio importador com muitos negociantes portugueses bem sucedidos. Ainda completando esse panorama, há os "zangões" ou corretores de café que intermeiam os comissários e os exportadores, e os agentes das grandes empresas de navegação. Os trabalhadores caixeirais também vão se organizar em 1879, fundando a Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio de Santos.

A cidade,"no final do período colonial era apenas uma pequena língua de terra na área onde hoje se situa o centro da cidade"[1]. Resumia-se em uma extensão que ficou entre morros e o estuário, a orla marítima, então chamada de praia, junto a um grande canal, um lagamar entre a ilha e o continente, formando o porto onde se localizavam as precárias pontes de madeira para a carga e descarga dos navios nos trapiches, armazéns, depósitos. "A cidade chegava ao navio, sem delimitar territórios, em simbiose"[2]. Nessa faixa de terra estavam as casas comerciais, convivendo com as residências, muitas vezes no mesmo conjunto.

Frequentemente a região viveu alagada com as chuvas que transbordavam dos vários riachos, que vindos da região dos morros, escorriam para o mar. Por outro lado, as águas do mar ultrapassavam os pontões de desembarque e invadiam as terras, retornando com dejetos, lançados pela população.

Mas a riqueza do café iria, sobretudo no período de 1870 a 1910, impulsionar transformações importantes na modernização de Santos: construção do cais de pedra a partir de 1890, serviço de transporte, de esgoto, de águas e de iluminação. A cidade fervilhava com um movimento incessante de pessoas, carroças transportando o café da ferrovia para os armazéns das comissárias que se localizavam na rua Santo Antônio e adjacências, para ser despejado, selecionado, formando a "liga" de cafés do mesmo tipo e depois de reensacado ser levado para o porto ou para os armazéns dos exportadores.

Figura n.º 1
Trabalhadores nos armazéns – reensaque de café



[1] NUNES, 2000: 29.
[2] NUNES, 2000: 29.

Figura n.º 2
Santos: movimento intenso de trabalhadores no século XIX

"Acordei-me quase em sobressalto, despertado por um movimento na rua, para mim bem extranho: um barulho infernal de carroças, apitos de paquetes a vapor, de rebocadores e, na venda, uma vozeria, um movimento de pessoas que entravam e sahiam, de copos que se esbarravam; de palavrões e de queda do dinheiro em cobre que a cada momento era jogado na gaveta do balcão. Esse movimento contínuo, desde o romper até o por do sol, não era mais do que a vida do café na sua ordem de embarque. Toda essa vozeria era feita por carregadores que matavam o bicho; estivadores que ajustavam contas com o pessoal, e carroceiros que vendiam, á socapa, o precioso grão, batido das saccas que iam para bordo"[3].

Figura n.º 3
Estrada de Ferro Inglesa com pequeno movimento de carroças.
Final do século XIX (Santos)

[3] VICTORINO, 1904: 11-12.

Com a inauguração da Estrada de Ferro, o movimento das carroças aumenta desmedidamente, assim como o número de cocheiras no centro comercial.

Essa cidade efervescente, porém ainda com características de vila colonial, iria passar por modernização, com a construção do cais de pedra a partir de 1889 e com transformações no seu traçado urbano (abertura de ruas, canalização de córregos), mas principalmente com o equipamento de higienização (campanhas sanitárias), fornecimento de luz (primeiro a querozene) e de água; introdução de meios de transporte (bondes e carroças puxados a muar). Em 1892, o governo provincial cria a Comissão de Saneamento e em 1893 é instalada a Comissão Sanitária, com poder de polícia no combate às epidemias e na inspeção dos cortiços, cocheiras e lavanderias.

Figura n.º 4
Convivência de vários tipos de trabalhadores: portugueses, nacionais, negros, crianças

Esse quadro de intenso movimento portuário é mesclado com a chegada de ondas de imigrantes, buscando inúmeras possibilidades de trabalho, proporcionadas pela economia cafeeira. O maior grupo foi dos lusitanos, secundados pelos espanhóis e italianos. Estatísticas para o Brasil[4] dão a entrada maciça de lusos no Brasil: em 1893, 28 986; 1895, 36 055 e em 1899, 10 989.

1. Os portugueses e a agitação política em Santos

Acontecimentos políticos nesse período (1880-1900) também agitam a cidade: os movimentos de propaganda abolicionista que culminam com a abolição da escravidão em Maio de 1888; e a mudança de regime governamental em Novembro de 1889.

[4] SILVA, 2007: 10-11.

Santos destacava-se por ser uma cidade abolicionista. O número de proprietários de escravos não chegava a 100. Além dos debates nos teatros e da propaganda nos jornais, a cidade era refúgio de escravos, em quilombos, como o de Pai Felipe e o do Jabaquara, este com grande contingente de cativos, trazidos das fazendas do interior paulista pelos "caifazes". Esses escravos e os já libertos conviviam com os imigrantes, inclusive nos empregos mais braçais.

Figura n.º 5
Quilombo do Jabaquara, em Santos

Na década de 1880, o bairro do Jabaquara abrigava o quilombo e muitos que moravam nele trabalhavam como carroceiros, ensacadores: escravos, libertos e imigrantes[5]. Em Santos, os escravos exerciam tarefas domésticas ou atividades ligadas ao comércio, carregando café, nos armazéns dos comissários, ou nos navios, na estiva.

Importante exemplo de trabalhador português em relação com os escravos foi José Theodoro dos Santos Pereira, o Santos Garrafão, considerado "abolicionista de lucro" que havia sido cômico, carroceiro, lojista, taberneiro e que se tornou financeiramente bem realizado por ser intermediário entre os escravos, suprindo as necessidades alimentares do quilombo.

Já desde a década de 1870 havia em Santos numerosos escravos, alugados pelos seus proprietários fazendeiros do interior e em atividades várias com mais autonomia, que eram obrigados a dar parte considerável do seu ganho a seus donos. Com a outra parte puderam comprar a sua carta de alforria.

Vivia, por exemplo, na cidade, em 1887, Escolástica Maria da Conceição, 21 anos, solteira, natural de Jundiaí, ocupada como alugada, "servindo havia quatro dias o Sr. Francisco, casado com D. Mariquinha"[6].

[5] SANTOS, 1937: 30.
[6] ROSEMBERG, 2006: 138.

Os jornais de Santos, no final do século, anunciam outro sistema, o dos alugados para serviços principalmente domésticos. Recebiam comida e abrigo para dormir, porém o locatário pagava o seu aluguel direto ao proprietário do escravo.

Lusitanos tiveram que enfrentar greves nas atividades ligadas ao porto. Wilson Toledo Munhós, em sua dissertação de Mestrado, em 1992, fornece-nos ricas informações aqui lembradas.

Os carregadores e estivadores de navios tinham que pagar à Câmara Municipal pelo imposto de uma chapa (licença para trabalhar) que deveriam levar no peito e que, em 1878, era de 1 000 réis. A primeira paralisação de que se tem notícia é a de 7 de Setembro de 1878[7]. Em 4 de Novembro de 1882 houve greve geral dos carroceiros e carregadores de café por causa do imposto municipal de vinte mil réis que lhes cabia.

A cidade ficou perturbada com a paralisação, pois os navios não puderam sair; com ajuntamentos de carroceiros, passeatas, o povo circulando nas ruas do Centro, num clima de muita algazarra. Foram presos Júlio Duarte e Francisco Fortunato Rabelho, ativistas da "desordem".

Segundo notícia do jornal *Correio Paulistano*, o Código de Posturas da Prefeitura com essas exigências de licença "dificultava o trabalho e animava a ociosidade [...]".

Em Dezembro de 1889, os trabalhadores de café exigiam que o preço de carregamento desse produto fosse elevado de 80 para 100 réis; em Maio de 1891, em outra paralisação, de 100 para 160 réis.

A greve de Dezembro de 1889, portanto já depois da abolição da escravatura, é novamente dos carregadores e transportadores de café. Quatrocentos operários iam começar o serviço sem chapa (a licença). Pelas manifestações grevistas os trabalhadores tinham que enfrentar as represálias dos policiais.

Outros problemas que aos lusos se apresentavam dizem respeito à questão política e ao modo como eles eram vistos no país.

Depois da Independencia do Brasil (1822), o espírito nacionalista se fazia presente acompanhado de lusofobia entre um grupo de intelectuais e jornais.

Um certo antilusitanismo aconteceu em certos setores. Nos primeiros anos de República, os jacobinos (nacionalistas exacerbados) estavam presentes na consolidação do regime.

O jornal *O jacobino*, criado no Rio de Janeiro (1893-1897), que reunia esses nacionalistas, responsabilizava os portugueses, tanto os pobres, como os remediados e ricos, pelas mazelas econômicas do Brasil. Esse jornal (e outros) circulavam não só no interior fluminense, mas também em outros Estados.

---

[7] VITORINO, 1904: 49-50.

Os radicais brasileiros (jacobinos) aproveitavam as datas comemorativas da Independência para apupar os lusos. Em Santos, Jayme Franco faz alguma referência.

O movimento antilusitano partiu também do povo das populações pobres. O jornal *O Lusitano* no seu número 27, de 30 de Dezembro de 1894, lutava contra uma série de atividades que eram monopólio de gente lusa, através de associações variadas: de retalhistas, dos carros urbanos, de lenha e carvão, de carruagem e marchante [...] todos considerados exploradores".

Uma notícia publicada em jornal da época mostra que aversão ao português era notória, identificação no sentimento de que o "p" era a mais infeliz letra do alfabeto. "Com p se escreve piolho, percevejo, pulga, praga, peste, porco, parvo, penhora, prostituição, perigo, pústula e... português, que letra ruim!" Havia também a contrapartida contra o lado brasileiro.

Gladys Sabina Ribeiro relata-nos que, na noite de 17 de Abril de 1895, um jornalista no Rio de Janeiro dava nota de uma contenda entre um galegão de bigodes estrumados e aspecto bestial, descompondo em altas vozes e insolentemente a um pequeno caixeiro brasileiro, nos seguintes termos: "tua raça, que se não fossemos nós portugueses, vocês morriam a fome, seus vagabundos; estais em casa de um português, cabrito de m... e outras tantas coisas que a decência manda calar!"[8].

O movimento jacobinista vai, progressivamente, perdendo a sua influência, a partir de 1897, após o atentado ao presidente Prudente de Moraes. Então é visto como algo condenável, nomeadamente ao longo do processo.

Um outro acontecimento vai atingir indiretamente os lusos. Após a Proclamação da República brasileira (Novembro de 1889), no governo de Floriano Peixoto, a cidade foi palco da passagem de revoltosos contra o regime discricionário do presidente. Esse episódio ficou conhecido como Revolta da Armada. Em Santos, os revoltosos chegam em 1893. Organizam-se trincheiras na barra e os canhões das duas fortalezas da Ponta da Praia cruzaram fogo contra a entrada dos revoltosos, pois estes eram a favor do Marechal Deodoro. Surpreendentemente, depois de alguns confrontos, a Armada saiu de Santos em 20 de Setembro de 1893. Em 11 de Maio do ano seguinte capitularam no Rio de Janeiro, então capital da República.

Nesse período, os lusos foram afetados diplomaticamente, pois Floriano Peixoto cortou relações com Portugal em Março de 1894, porque o navio português Mendel dera abrigo aos revoltosos.

Sem representação diplomática, a colônia portuguesa em Santos sentia-se inquieta ante a possibilidade de incidentes com os florianistas exaltados[9]. No governo civil de Prudente de Morais, 16 de Março de 1895, as relações foram reatadas.

---

[8] SILVA, 2000: 31.
[9] FRANCO, 1995: 190.

Quando perdia o seu espaço na vida política brasileira, assim a colônia portuguesa, com disponibilidade econômica, passava a organizar-se em instituições para auxílio dos conterrâneos e preservação dos vínculos culturais.

Firmava-se nesse ano, na cidade de Santos, o Real Centro Português em favor da comunidade lusitana, fazendo par com a Sociedade Portuguesa de Beneficência, fundada em Agosto de 1859, por negociantes portugueses.

Questões de conflito também foram enfrentadas de modo acirrado entre os lusos, divididos entre facções monarquistas e republicanas a respeito da sua pátria, porém, desenvolvidas dentro das assembléias da Sociedade Portuguesa de Beneficência.

Figura n.º 6
Consulado de Portugal em Santos (1904)

Em Santos, esses antagonismos entre lusos e locais merecem ainda estudos mais apurados. Entretanto, fotos (figuras n.º 2, 3 e 4) indicam alguma convivência.

O escritor santista Ruy de Ribeiro Couto (1898-1961) que se tornou um diplomata brasileiro importante, membro da Academia Brasileira de Letras, é filho de mãe nascida na Ilha da Madeira. Jovem, ele trabalhou como caixeiro em firma de café em Santos, frequentou a Academia de Comércio da cidade e dirigiu-se para a Faculdade de Direito de São Paulo, terminando o curso no Rio de Janeiro. Paralelamente, fez a carreira de jornalista e tornou-se um grande literato brasileiro. Tem um ensaio, publicado em 1961, intitulado *Sentimento lusitano*, onde está marcada uma simpatia grande pelos portugueses.

Entretanto, os enfrentamentos dos portugueses em terra brasileira devem ser pensados pelo tipo de imigrantes que aqui chegara.

Joaquim da Costa Leite distingue três grupos principais, catalogados sobre três categorias de imigração: como carreira, como forma de obtenção de um rendimento

complementar e como resposta a uma situação de crise. O primeiro, geralmente originário do Noroeste do Minho, é "um grupo constituído por jovens do sexo masculino, alfabetizados, que partem razoavelmente bem providos de roupas apoiados por contatos estabelecidos previamente por familiares ou amigos. Para esses imigrantes, que começavam cedo e com alguma preparação de poio, a decisão de partir seria tomada em família, como parte de uma escolha profissional. Emigrar era, nesse sentido, uma decisão de carreira"[10].

A economia brasileira abria possibilidades de se estabelecerem por conta própria, como por exemplo caixeiros ou guarda-livros.

O segundo grupo, também em parte oriundo do Noroeste, era formado por artesãos que partiam para o Brasil para exercer a profissão em que tinham experiência. Vinham em época de grande desenvolvimento econômico (final do século XIX) quando os salários eram mais elevados que os da terra lusa e, depois regressavam à pátria.

O terceiro grupo englobava imigrantes que chegavam em famílias, em época de crise no seu país[11].

Entretanto, as pesquisas indicam que há aqueles que vêm ganhar a vida sozinhos – – adultos ou muito jovens – sem instrução, muitas vezes sem possibilidades. Observe-se, nas tabelas de 1893, o grande número de jornaleiros e trabalhadores. Encaminhavam-se para serviços que exigiam mais forças ou menos habilidades (carregadores de carga ou mercadorias, limpeza etc.). Muitos não tinham condições humanas de vida, dormindo no chão do local do emprego, recebendo salários muito baixos.

A historiografia dá inúmeros exemplos dos que superaram suas agruras iniciais e conseguiram estabelecer-se por conta própria, transformando-se em proprietários de pequenos negócios.

Assim, ocorreram muitos outros enfrentamentos na sua vida cotidiana, na sua luta por melhores condições de vida.

Destacamos, neste texto, epidemias em alguns anos das últimas décadas do século XIX.

2. Os portugueses em Santos e as epidemias

O maior desafio que os portugueses encontraram foi, sem dúvida, a existência da febre amarela, secundada por outras doenças como a varíola, a peste bubônica, a malária. A tuberculose, endêmica, será a companheira persistente das várias epidemias.

As epidemias eram, realmente, o grande flagelo da população. O memorialista Carlos Vitorino observa, após a epidemia de 1888: "[...] era muito raro encontrar-se

[10] LEITE, 2000: 193-195.
[11] LEITE, 2000: 194.

com uma pessoa que não tivesse ao menos uma leve tira de crepe no chapéo, como um vinculo que denunciava a passagem de epidemia pelo seu lar"[12].

A febre amarela é identificada no Rio de Janeiro, em fins de 1849. Chegou a Santos, segundo Betralda Lopes, em 1850[13]. É doença transmissível, não contagiosa. O mosquito pica o doente infestado e leva a doença a outras pessoas, por meio de sangue infectado.

A primeira grande epidemia de febre amarela eclodiu em Janeiro de 1873, trazida de navios. Atinge o auge em Abril até se extinguir em Julho[14]. A varíola, por exemplo, em 1874 (Março a Dezembro) ocasionou 150 mortes (do total geral de 581 óbitos, nesse ano). Em 1875 continuou matando.

Outro grande surto de febre amarela dá-se em 1878 (Campinas, uma das "capitais" do café, já sofrera em 1876). Nas duas últimas décadas do século XIX, a situação dos óbitos de Santos é a seguinte:

Quadro n.º 1
Óbitos da cidade de Santos (1880-1900)

Óbitos da cidade de Santos – década de 1880										
	1880	**1881**	**1882**	**1883**	**1884**	**1885**	**1886**	**1887**	**1888**	**1889**
Febre amarela	34	6	3	7	-	1	9	-	-	330
Febre tifóide	-	-	-	-	11	14	-	13	15	-
Tuberculose	64	52	52	76	-	55	53	69	67	68
Varíola	-	-	-	-	-	-	10	84	220	-
Outros óbitos	394	326	373	275	532	352	482	621	164	1 114
Total de óbitos	462	384	428	358	543	422	554	787	466	1 712

Óbitos da cidade de Santos – década de 1890											
	1890	**1891**	**1892**	**1893**	**1894**	**1895**	**1896**	**1897**	**1898**	**1899**	**1900**
Febre amarela	35	977	1 742	1 642	360	1 085	435	-	362	6	260
Febre tifóide	70	34	19	33	-	09	-	18	17	14	22
Tuberculose	-	102	130	135	173	148	161	154	176	172	165
Varíola	3	-	823	-	39	6	11	-	-	22	1
Outros óbitos	788	1 360	1 459	1 754	868	1 326	1 173	1 159	1 071	1 146	921
Total de óbitos	896	2 473	4 173	3 564	1 440	2 574	1 780	1 331	1 625	1 366	1 369

Fonte: ÁLVARO, 1919.

[12] VITORINO, 1904: 79.
[13] LOPES, 1974: 27.
[14] LOPES, 1974: 25.

As maiores vítimas das epidemias foram os estrangeiros, muito deles embarcados de várias nacionalidades. Além do Hospital Isolamento, à entrada da cidade de quem vem da capital, os internamentos eram feitos em menor escala nos hospitais da Sociedade Portuguesa de Beneficência e no da Santa Casa de Misericórdia. No Isolamento do Saboó, quase não se notam brasileiros, acredita-se que mais imunizados pelo clima a que estavam acostumados a viver.

Essas crises epidêmicas desarticulavam a vida econômica da cidade e dos lusos, que desde o princípio do século XIX eram ricos comerciantes. Esse estado atrapalhava o comércio. Betralda Lopes, entretanto, observa que as crises ocorridas na produção e comercialização do café é "que são responsáveis pelas quebras de movimento portuário e não a febre amarela, que foi apenas mais um dado a afetar a economia de café"[15]. Mas, sem dúvida, não podemos deixar de ressaltar que as epidemias de febre amarela foram grande obstáculo encontrado pelos lusos em terras brasileiras.

Figura n.º 7
Comércio em Santos (final do século XIX)

A partir das últimas décadas de novecentos, entre tantas incertezas, a onda imigratória foi aumentando, pois a cidade portuária apresentava imensas oportunidades de trabalho, embora instável e informa, com promessas de melhoria de vida. Os salários eram muitas vezes compensadores com relação ao que recebiam em Portugal.

O cocheiro Bernardino Paes "foi para São Paulo ganhar mais dinheiro e agora pediu escrevendo para a mulher se juntar a ele", Angelina Natividade Paes, natural de Extremos, empregada doméstica com quem casara em 5 de Maio de 1892. Este, em carta (sem data, possivelmente de Maio de 1895, pelos carimbos do correio), expedida da cidade de São Paulo, diz: "Gostaria que tentasses em vir para o Brasil, porque aqui são muito boas terras, desde o momento que tu tenhas cá o teu marido,

[15] LOPES, 1974: 130.

eu te daria os meios porque tu deverias vir [...] pois todos os 15 dias há emigração e tu podias vir por ella sem gastares"[16].

Na época das maiores crises epidêmicas, entretanto, o sofrimento era terrível: os que podiam se ausentavam temporariamente da cidade. Saíam de Santos e iam para São Paulo ou outras localidades.

A vizinha cidade de São Vicente (primeira vila do Brasil, fundada por Martim Afonso de Sousa) era local procurado, com melhores condições higiênicas, ar fresco e pacata do ponto de vista comercial.

Relatórios de professores públicos, do fim do século XIX, falam de "alunos temporários", oriundos de Santos:

> "[...] 'esses alunos temporários', em geral, não entravam na quantificação de matriculados e frequentes, elaborados pelos professores, apenas eram citados nos relatórios por terem frequentado as aulas durante alguns meses e depois voltado com suas famílias para os locais de origem"[17].

Na lista de alunos temporários elaborada pelo professor Antonio Agostinho de Sant'Anna, em 1876, há estudantes da família Porchat de Assis que se tornariam importantes em Santos na primeira metade do século XX, principalmente na área da educação.

Em 1892, em pavorosa epidemia, morrem mais de 2 500 pessoas. São montadas mais enfermarias, no Mosteiro de S. Bento e no Convento do Carmo[18].

No ano de 1893, a epidemia de febre amarela continuava apesar de medidas preventivas, como a Comissão Estadual de Desinfecção. Nesse ano, inaugura-se o cemitério no bairro do Saboó, construído na Chácara da Filosofia do pensador santista Azevedo Marques[19]. Morrem mais de 1 642 pessoas, das quais 139 na Beneficência e, em outras enfermarias, 803.

Santos sofreu muitas epidemias, mas havia períodos de interregno. As de febre amarela, que são as mais constantes e mais devastadoras, são colocadas em 1853; 1857-1861; 1869-1870; 1873; 1876; 1878-1880. As maiores, nas duas décadas do século XIX, localizam-se no período entre 1889 e 1900.

---

[16] Documentos constantes no processo n.º 1 800, da caixa 48, NT 2213, Setembro de 1895, Arquivo da Torre do Tombo, Lisboa.
[17] SILVA JÚNIOR, 2009: 45.
[18] FRANCO, 1995: 184.
[19] FRANCO, 1995: 185-186. É necessário fazer levantamentos na Santa Casa e no Hospital da Sociedade de Beneficência Portuguesa.

No Hospital do Isolamento da Filosofia (ou Saboó), em 1893, dos 1 586 doentes que entraram, 305 eram portugueses, dos quais 156 saíram curados e 149 faleceram. A idade dos internados indica que a maioria eram pessoas em idade produtiva:

0 - 10	=	4
11 - 20	=	61
21 - 30	=	148
31 - 40	=	49
41 - 50	=	28
51 - 70	=	7
Não especificado	=	8

As profissões dos internados eram variadas:

Jornaleiros	105	Fundidor	1
Trabalhadores	19	Serralheiro	1
Doméstica	1	Carpinteiro	2
Marítimos (estrangeiros)	6	Canastreiro	1
Cais (lancha)	3	Cavoqueiro	1
Telegrafista	1	Peixeiro	4
Negociante	1	Pintor	1
Caixeiro	1	Lavador	1
Carroceiro/cocheiro	12	Copeira	4
Carregador	1	Criada	4
Condutor de bonde	2	Cozinha	3
Maquinista	1	Engomadeira	1
Carvoeiro	1	Padeiro	1
Ferreiro	1	Servente de hospital	2
Funileiro	2	Alfaiate	2

A existência de apenas um caixeiro e um negociante leva-nos a acreditar que as pessoas de melhor condição econômica ou social eram internadas no Hospital da Sociedade de Beneficência Portuguesa.

Em 1893, os portugueses, internados no Hospital de Isolamento do Saboó, moravam em zonas de risco, ou seja, em cortiços com condições de insalubridade, porém, próximo aos locais de trabalho: porto, armazém e casas comerciais de café, ferrovia (residências do centro urbano). São ruas ainda estreitas e mal-alinhadas.

Muitos residiam nas ruas do Rosário (43), São Leopoldo (18), São Bento (5), da Penha (6) e Marquês de Herval (4), perto de ferrovia. Senador Feijó (12), General Câmara, (10), Amador Bueno (8), Brás Cubas (10), Martim Afonso (5), São Francisco (9), Praça dos Andradas (2), Itororó (2) estão, entre outras, no centro urbano e próximas ao cais que, desde 1891, já tinha um trecho inaugurado.

Por exemplo: "Manoel Vaz, 55 anos, casado, português, analfabeto, residente na Rua do Rosário, e João da Cunha, 50 anos, casado, trabalhador, português e morador em São Vicente"[20] (este na cidade vizinha). Em 1888, o armazém de secos e molhados denominado Aliança Comercial Luzatana, pertencente ao português Manoel José Fernandes de Vasconcellos, localizava-se na Rua da Constituição, 87, esquina com a Rua General Câmara[21]. Manoel José Fernandes era casado, tinha 28 anos e sabia ler e escrever. Em 1886, Lino José de Mattos, cidadão português, proprietário e morador da Rua Amador Bueno; Manoel Dias de Castro, português, casado, negociante e morador à Rua General Câmara, 39. Emília de Jesus, portuguesa, reside à Rua Comendador Martins, n.º 25 (Vila Mathias), é uma mulher de "pé" calçado ("quando se zanga, depois de ter entornado uns tostões de cachaça, ninguém tem mais sossego no cortiço")[22].

Já se observam moradores em regiões fora do centro urbano, assinalando que a cidade já está indo em direção à praia: Caminho da Barra, rua Sete de Setembro (cais) e Vila Nova; Conselheiro Nébias, Vila Macuco (outeirinhos), Vila Mathias, Morro do Fontana, Jabaquara, Ana Costa. Alguns moram em São Vicente. Os doentes lusos indicados como marítimos são residentes em Portugal.

Portugueses e outros trabalhadores pobres (nacionais, libertos; espanhóis e italianos) residiam em cortiços, que eram casas construídas às pressas em quintais ou terrenos ou pátios de prédios, geralmente nas zonas centrais. Cubículos, feitos de tábuas de caixotes e folhas de zinco, com pouca água, sem ventilação, úmidos, colados uns aos outros. Havia grandes proprietários de cortiços que tinham nos aluguéis uma considerável fonte de renda.

Santos era conhecida como a "cidade das carroças", pois, com o aumento do transporte do café, multiplicou-se esse meio de transporte e as cocheiras[23], abafadas, viveiros de moscas e mosquitos, onde muitas vezes eram complementadas como habitações coletivas, formadas pelos palanques acima das baias onde dormiam os cocheiros e suas famílias.

Esses cortiços eram grandes focos de febre amarela. Os piores eram, segundo Guilherme Álvaro[24], os do Marquês de Herval, São Bento, Rosário, Martim Afonso, Amador Bueno, Xavier da Silveira, Jabaquara, Morro do Fontana.

Novos bairros que se formavam, como o do Macuco e da Vila Mathias, foram procurados pelos portugueses imigrantes. Aos poucos vão se construindo moradias pobres (chalés, por exemplo) também em arrabaldes, sobretudo na Vila Macuco, que

[20] ROSEMBERG, 2006: 35.
[21] ROSEMBERG, 2006: 100-101.
[22] BLUME, 1998: 108.
[23] ÁLVARO, 1919: 55.
[24] ÁLVARO, 1919: 60.

acompanha o prolongamento do cais; e na Vila Mathias e Jabaquara, onde se localizam as pedreiras do Jabaquara próximo ao antigo Quilombo.

Em 1894, a Polícia Sanitária do Estado atuou na desinfecção, na interdição e demolição das habitações insalubres, contribuindo para a melhoria de vida dos trabalhadores. Informa o relatório do inspetor Isidoro Campos, em 1893:

> "Iniciei as visitas domiciliares à inspeção de cortiços e cocheiras; foram feitas com cuidado e zelo pelos meus auxiliares, proibi a morada em certas casas que julguei inabitáveis e mandei proceder a demolição de muitas cocheiras e cortiços. [...] e como esses muitos outros que fiz intimar e demolir nas ruas do Rosário, General Câmara, Xavier da Silveira, Brás Cubas, Senador Feijó, Sete de Setembro, Bittencourt, Vinte e Quatro de Maio e muitas outras que seria longo enumerar"[25].

A política sanitária estadual, na década de 1990, procurou melhorar a rede de esgotos, aumentar o abastecimento de água, canalizar e cobrir os riachos, evitando os alagamentos nas estações pluviais. Todo o sistema de canalização, de esgoto e de serviço de água estava completo na década de 1910, quando também com a iluminação elétrica os bondes puxados a muares foram movidos à eletricidade.

Considerações finais

Podemos concluir que portugueses vindos para Santos nas duas últimas décadas do século XIX, em levas crescentes de imigração, encontraram uma cidade repleta de dificuldades, talvez maiores que na terra natal, mas também enfrentaram uma cidade que podia superar seus entraves, progredir, tornar-se salubre, moderna e civilizada, pois corria a riqueza do café.

Os lusos percebiam que, através do trabalho constante, podiam amealhar material para a sua melhoria de vida e, talvez, enriquecer. Conterrâneos seus eram exemplos.

Dificuldades e entraves foram muitos, doenças, mortes, problemas de convivência, conflitos, empregos frustrantes. Porém, enquanto houve vida, caminhos foram buscados. E as oportunidades de trabalho foram variadas.

[25] BLUME, 1998: 91.

Fontes e bibliografia

Fontes

ARQUIVO MUNICIPAL DE SANTOS – *Livros de Internamento do Hospital Isolamento da Philosofia* (Saboó) I e II (1893 a 1902).

ARQUIVO MUNICIPAL DE SANTOS – *Códigos de Postura*: 1883; 1897.

Bibliografia

ALVARO, Guilherme, 1919 – *A campanha sanitária de Santos, suas causas e seus efeitos*. São Paulo: Serviço Sanitário do Estado/Casa Duprat.

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de, 1995 – "Santos: urbanismo na época do café. 1989-1930", in *Santos, café e história*. Santos: Leopoldianum.

BLUME, Luiz Henrique dos Santos, 1998 – *A moradia da população pobre e a reforma urbana em Santos no final do século XIX* (dissertação de mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CARMO, Bruno Bortoloto do, 2010 – *Entre práticas e representações: um estudo de caso do Código de posturas de Santos (1857)*. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação de História). Santos: Universidade Católica de Santos.

FRANCO, Jaime, 1995 – *A Beneficência*. Santos: Ed. do autor (1951).

GITHAY, Maria Lúcia Caira, 1983 – *Os trabalhadores do porto de Santos (1889-1910)*. Dissertação de Mestrado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas: UNICAMP.

LANNA, Ana Lúcia Duarte, 1996 – *Uma Cidade na transição. Santos: 1870-1913*. São Paulo: Hucitec.

LEITE, Joaquim da Costa, 2000 – "O Brasil e a imigração portuguesa", in FAUSTO, Boris (org.) – *Fazer a América*. São Paulo: Edusp.

LOBO, Eulália Maria Lameyer, 2001 – *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec.

LOPES, Betralda, 1974 – *O porto de Santos e a febre amarela* (dissertação de mestrado na Universidade de São Paulo). São Paulo: Universidade de São Paulo.

MOURA, Ana Maria da Silva, 1988 – *Cocheiros e Carroceiros: Homens livres no Rio de Senhores e Escravos*. São Paulo: Hucitec.

MUNHÓS, Wilson Toledo, 1992 – *Da Circulação Trágica ao mito da irradiação liberal: negros e imigrantes em Santos na década de 1880* (dissertação de mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de, 2005 – *Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização*. São Paulo: Alameda.

PEREIRA, Maria Apparecida Franco, 1995 – "O comércio cafeeiro na praça de Santos", in *Santos, café e história*. Santos: Leopoldianum.

RIBEIRO, Gladys Sabina, 2001 – "A Guerra aos portugueses no Rio de Janeiro nos anos de 1890". Revista *Oceanos*, 44. Lisboa.

ROSEMBERG, André, 2006 – *Ordem e burla: processos sociais, escravidão e justiça em Santos*. São Paulo: Alameda.

SANTOS, Francisco Martins dos, 1937 – *História de Santos (1532-1936)*, II. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunaes.

SILVA, Susana Neves Tavares Bastos de Pinho e, 2007 – *O emigrante português em três romances de Aluisio de Azevedo* (dissertação de mestrado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SILVA JUNIOR, Alcides Caetano da, 2009 – *Instrução pública na segunda metade do século XIX: As escolas e os professores de primeiras letras da Vila de São Vicente (1851-1887)*. Trabalho de conclusão de Curso na Universidade Católica de Santos. Santos: Universidade Católica de Santos

VITORINO, Carlos, 1904 – *Santos: Reminiscências (1875-1898)*. São Paulo.